

Moçambique

Junho 2009

Moçambique - Caso exemplar na África Austral

- ⚡ Em 2009, a economia moçambicana continuará a crescer a um ritmo confortável, tendo em conta o panorama global recessivo. Actualmente a discussão centra-se no patamar de crescimento entre os 4% e os 4.5%, bastante positivo atendendo ao contexto adverso internacional. No entanto, os riscos são crescentes pois é inevitável o impacto da crise financeira internacional. Esta deverá fazer-se sentir sobretudo através de alguma retracção do investimento programado e também da queda das exportações, nomeadamente de alumínio, dado o seu peso ainda considerável na actividade produtiva e na balança externa.
- ⚡ Em contrapartida, sustentando a actividade, refira-se que os doadores internacionais (PAP- Parceiros de Apoio Programático) já assumiram um compromisso até 2010. Os donativos representam cerca de 14.5% do PIB e 50% da receita pública, e permitem financiar os gastos do Estado impulsionando também o investimento e a actividade do sector privado. Por outro lado, o Governo tem procurado desenvolver estratégias que minorem os efeitos perniciosos da crise, por exemplo, procurando destinos alternativos para as exportações mais afectadas. De destacar também o esforço contínuo de formalização da actividade económica, de modo a gerar uma base de expansão mais sustentável para as contas do Estado.
- ⚡ A queda do preço do petróleo e dos preços alimentares no mercado internacional e as perspectivas de uma boa colheita agrícola doméstica têm permitido uma evolução benigna da taxa de inflação. No entanto, a evolução cambial poderá pesar mais próximo do final do ano, dificultando a trajectória de desaceleração.
- ⚡ Destacamos a publicação de uma nota elaborada no seguimento da nossa recente visita ao país, em que nos focamos numa visão estrutural, crítica, cimentando perspectivas de médio prazo. Moçambique continua a ser encarado como um caso exemplar entre as novas economias emergentes africanas. Apesar da sua expressão ainda reduzida, tem assumido um papel cada vez mais determinante no contexto da África Austral, atendendo nomeadamente ao seu potencial como fornecedor de energia para a região. Neste contexto, destacam-se os inúmeros projectos relacionados com o sector energético e de prospecção de minério actualmente em fase de execução, estudo ou prospecção. Mas existem factores de risco substanciais. Evidencia-se, por um lado, a aparente perda de fulgor nos progressos alcançados no âmbito da redução da pobreza, o que a prazo pode constituir uma ameaça; por outro lado, o flagelo do HIV/Sida, cuja realidade excede muito possivelmente os números oficiais, com consequências desastrosas, quer em termos económicos, quer humanos.

Paula Carvalho

Email: paula.goncalves.carvalho@bancobpi.pt

Telef.: 21 310 11 87

João Vitor Sousa

Email: joao.vitor.sousa@bancobpi.pt

Telef.: 21 310 10 28



Mozambique - Ilha de Moçambique

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ECONÓMICOS E FINANCEIROS

Rui Martins dos Santos

Director Geral

Cristina Casalinho
Paula Gonçalves Carvalho

Directora
SubDirectora

João Vitor Sousa
Lara Cordovil Wemans
Susana de Jesus Santos
Teresa Gil Pinheiro

ANÁLISE TÉCNICA

Agostinho Leal Alves

Tel.: 351 21 310 11 86

Fax: 351 21 353 56 94

Email: deef@bancobpi.pt www.bancobpi.pt www.bpiinvestimentos.pt/Research

ÍNDICE

	Pág.
1 - CENÁRIO MACROECONÓMICO	
...crescimento confortável mas em desaceleração	05
...Indicadores de Conjuntura	06
...perspectivas positivas apesar da crise internacional	06
...inflação em queda	07
...contas externas e contas públicas reflectem principais constrangimentos económicos	07
2 - VISITA A MOÇAMBIQUE - A NOSSA APRECIÇÃO	
2.1- AVALIAÇÃO GÉNÉRICA	10
Em termos macroeconómicos, a nossa apreciação difere consoante o horizonte considerado.	10
2.2- Riscos/Pontos fracos	12
HIV/SIDA	12
Fracá integração inter-regional	12
Desenvolvimento de um sector privado forte e expressivo	12
Risco político	13
2.3- Oportunidades/Pontos fortes	14
A localização geográfica	14
Recursos naturais	15
Outros sectores com oportunidades de investimento	16
2.4- SISTEMA FINANCEIRO	16
O exemplo do microcrédito	17
ANEXO	
Grandes Projectos	18

1 - CENÁRIO MACROECONÓMICO

...crescimento confortável mas em desaceleração

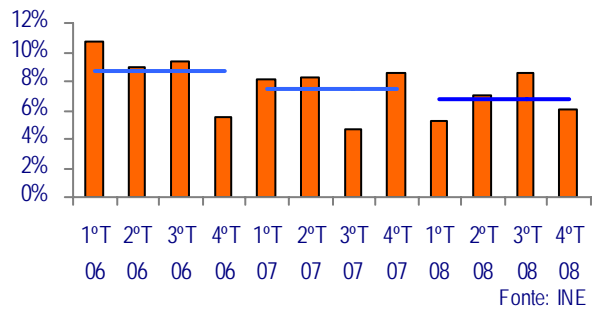
Nos últimos três anos, o ritmo de crescimento da economia moçambicana manteve-se robusto tendo desacelerado de 8.7%, em 2006, para 7.4%, em 2007, e 6.8%, em 2008. Em termos trimestrais, a variação homóloga decaiu 2.6 pontos percentuais no último trimestre de 2008, para 6%, enquanto a variação em cadeia medida pelo PIB ajustado à sazonalidade caiu de 2.6% para 1.8%.

Em 2008, os sectores que mais contribuíram para o crescimento do PIB foram:

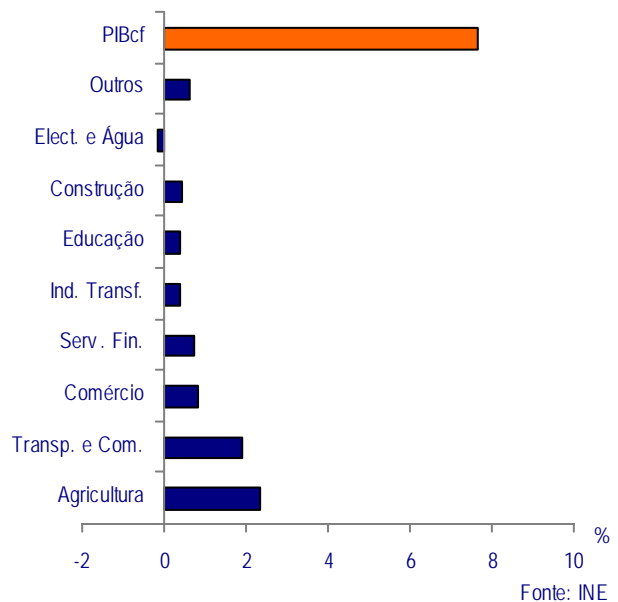
- Agricultura, que foi responsável por 30% do crescimento.
- Transportes e Comunicações cujo contributo foi de 25% do total. O sector agrícola apresenta um forte dinamismo devido à prioridade que tem sido dada pelas autoridades ao seu desenvolvimento o que permitiu um forte impulso ao desenvolvimento das pequenas produções agrícolas.
- Comércio, com um contributo de 10.8%.
- Serviços Financeiros, 9.4%. A melhoria do poder de compra da população estimula o comércio; por outro lado, o desenvolvimento económico traz uma maior formalização da economia que resulta numa maior legalização do pequeno comércio e numa maior ligação quer do sector empresarial quer da população com a banca.

A distribuição sectorial da economia moçambicana é relativamente diversificada. O sector agrícola tem um peso de 26% no PIB que poderá ser reforçado no curto/médio prazo devido ao esforço das autoridades e ao seu enorme potencial de desenvolvimento. Seguem-se Indústria transformadora (14%), Transportes e comunicações (12%) e Comércio (12%). O peso da indústria transformadora deve-se à fábrica da Mozal pelo que, em 2009, a quebra na procura nos mercados internacionais poderá dar origem a uma perda de importância deste sector. Devido ao mesmo factor também o sector de Transportes e comunicações sofrerá, pois grande parte da actividade encontra-se ligado ao transporte de mercadorias através dos portos marítimos. Com um peso de 6% surgem os sectores de Electricidade e Água e Serviços Financeiros. A construção da nova barragem no rio Zambeze poderá dar um forte impulso ao primeiro enquanto que o último beneficiará em menor escala da maior formalização da economia. O desenvolvimento e entrada em funcionamento dos projectos ligados à indústria de extracção mineira, nomeadamente a extracção de carvão em Moatize, farão com que o peso do sector cresça fortemente (actualmente é de apenas 1%), sobretudo a partir de 2010.

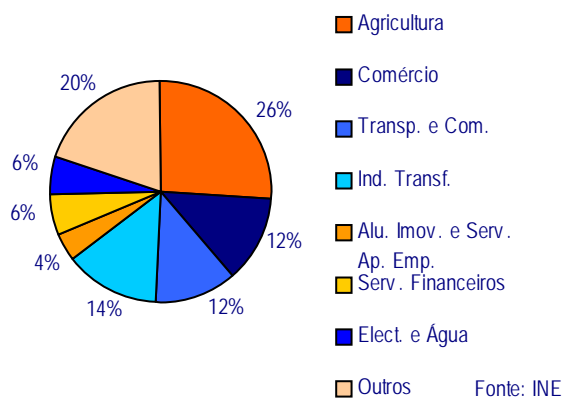
Crescimento real do PIB (tvh).



Contributo para o crescimento em 2008.



PIB por sector em 2008 (% do total).



...Indicadores de Conjuntura

O indicador de Clima Económico encontra-se em queda desde Dezembro. Em Abril, situou-se em 97.1, o nível mais baixo desde Setembro de 2005. Como indicador qualitativo, este revela um pessimismo crescente entre os agentes económicos e uma tendência negativa da actividade económica. Esta evolução pessimista espelha uma queda de confiança em todos os sectores de actividade, com maior ênfase nos sectores de Construção, Comércio e Transportes. O indicador de emprego actual caiu, entre Fevereiro e Abril, de 107 para 105.7, enquanto que o indicador de expectativas de emprego, que se encontrava em forte queda desde Novembro, recuperou ligeiramente de 96.9 para 98.5 em Abril.

...perspectivas positivas apesar da crise internacional

A economia de Moçambique vai continuar a crescer, este ano, a um ritmo confortável, tendo em conta o panorama global recessivo. Actualmente discute-se se o crescimento se quedará pelos 4-4.5% (visão do Fundo Monetário Internacional, que antecipa que o PIB se expanda 4.3% este ano e 4% em 2010) ou se ficará mais próximo do patamar alcançado em 2008, 6.8%. As instituições internacionais são unânimes em considerar o patamar dos 4-4.5%, como sendo o cenário mais razoável. Para o próximo ano, as opiniões divergem, antecipando a EIU e a OCDE aceleração do crescimento, hipótese que parece a mais razoável num contexto de estabilização do cenário macroeconómico internacional.

Moçambique - Cenário macroeconómico.

Instituição	Data	PIB		Inflação		Saldo orçamental (% PIB)		BTC (%PIB)	
		2009	2010	2009	2010	2009	2010	2009	2010
FMI	Abril	4.3	4	5.4	5.2	-7.1	-6.2	-11.7	-10.9
OCDE	Maio	4	5.2						
EIU	Maio	4.8	5.2	6.8	7.2	-6	-5.7	-8.4	-10.2

É inevitável que a crise financeira internacional tenha um impacto negativo no crescimento dada a retracção do investimento programado e queda das exportações, sobretudo de alumínio. Pelo lado das contas públicas, a redução da actividade da Mozal representará também uma perda de receitas, via menores impostos (efeito marginal, estimam-se cerca de 1% das receitas em 2008) e dividendos (pois o Estado é accionista).

Em contrapartida, existem **efeitos compensatórios**. A queda dos preços das matérias-primas (sobretudo petróleo) e alimentos terá um impacto positivo na actividade. O facto de os donativos internacionais estarem garantidos é igualmente fundamental para a economia moçambicana, pois estes representam cerca de 14.5% do PIB, equivalente a cerca de 50% da receita pública, e permitem financiar os gastos do Estado impulsionando também o investimento e a actividade do sector privado. Por outro lado, o Governo tem procurado activamente desenvolver estratégias que minorem os efeitos perniciosos da crise, tanto para o sector privado como a nível das contas públicas:

- Imposto simplificado - Em 2008 foi implementado um imposto simplificado aos pequenos contribuintes, com um volume de negócios inferior a 2 milhões de meticais; estes podem optar pelo pagamento de uma taxa única, de 75 mil meticais/ano ou pelo pagamento de 3% sobre as receitas de venda, o que obriga a ter contabilidade organizada e registos comerciais. Verificou-se uma enorme adesão a este imposto, que se deverá manter. Os pequenos negociantes/empresários, sem "papéis" são convencidos a pagar através de uma campanha de moralização, que apela à normalização/ oficialização da relação com o Estado, facilitando o andamento da actividade.
- Redução da informalidade - para além do imposto simplificado, verificou-se o aumento das estruturas tributárias locais, as próprias administrações locais funcionam como instrumentos de liquidação tributária.
- Mercados alternativos - Procuram-se activamente mercados alternativos para os produtos de exportação que têm sido mais afectados: por exemplo, no caso do camarão, os mercados de destino deslocaram-se sobretudo da Europa para os EUA, onde existe procura.

...inflação em queda

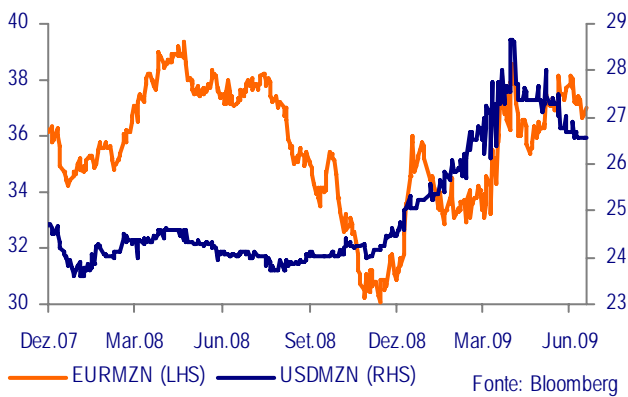
A inflação em Moçambique é largamente influenciada pela evolução dos preços alimentares e energéticos devido ao seu peso no cabaz. Assim, após uma forte escalada dos preços entre o início de 2007 e Setembro de 2008, esta corrigiu significativamente encontrando-se abaixo dos níveis de início de 2007, em 5.3%. A queda do preço do petróleo e dos preços alimentares no mercado internacional e as perspectivas de uma boa colheita agrícola doméstica tem permitido esta evolução benigna, que se deverá prolongar nos meses mais próximos beneficiando de efeitos de base favoráveis.

Inflação (Taxa de Var. Homóloga).



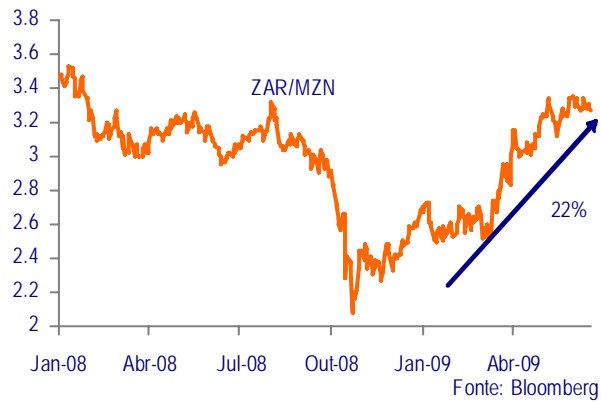
Fonte: INE Maputo

O metical estabilizou depois de um período de depreciação e bastante volatilidade.



Fonte: Bloomberg

Desde início do ano, o metical tem vindo a perder terreno também face ao rand. Mas há indícios de estabilização.



Fonte: Bloomberg

É incerto que o agregado termine o ano dentro do objectivo do Banco Central, 6%, dada a influência da evolução cambial. As importações pesam significativamente na actividade económica (cerca de 40% do PIB) pelo que a recente depreciação do metical face ao dólar e sobretudo relativamente ao rand sul-africano (cerca de 22% desde Janeiro) reflectir-se-á de forma adversa sobre o IPC (em 2008, 27% das importações tiveram origem na África do Sul). A influência deste movimento sobre o andamento da inflação poderá tornar-se mais expressiva mais próximo do final do ano, altura em que tipicamente existem picos de aumento da procura devido ao período de festividades.

...contas externas e contas públicas reflectem principais constrangimentos económicos

O **Orçamento de Estado** depende consideravelmente da ajuda externa. O Governo tem como objectivo aumentar a receita fiscal (em % do PIB) até aos 20%-25%, valores típicos nas economias em fase de ascensão; mas ainda está longe. Para tal, propõe-se reforçar a receita fiscal pelo menos em 0.5% do PIB/ano.

Finanças Públicas (% do PIB).

	2008	2007		2008	2007
Receita Total e Donativos	28.7%	25.3%	Despesa total e empréstimos	33.1%	28.2%
Receita Fiscal	14.4%	14.0%	Salários	8.2%	7.8%
Donativos	11.9%	9.3%	Juros da dívida	0.6%	0.6%
			Saldo orçamental	-4.4%	-2.9%

Fonte: OCDE.

As fortes isenções concedidas aos primeiros megaprojectos contribuem para perpetuar a dependência da ajuda externa. Mas as autoridades, recentemente, alteraram a sua política de incentivos fiscais: os projectos aprovados nos últimos anos ou em fase de aprovação têm algumas isenções na fase de implementação e construção; mas, uma vez em funcionamento são sujeitas ao regime fiscal normal.

Em termos de financiamento: a despesa pública dever-se-á manter tal como projectado; a prioridade é reforçar a receita ou evitar perdas de receita (redução de donativos); mas se tal acontecer, o Estado recorrerá a financiamento; está previsto o recurso a nova emissão de Obrigações do Tesouro, se tal se revelar necessário. (Os Bilhetes do Tesouro não são utilizados como instrumento de financiamento, apenas constituem instrumento de gestão da liquidez no sistema financeiro).

A **Balança Corrente** continua bastante deficitária, suportada pelas transferências correntes (entrada de donativos) e financiada pela entrada de IDE. Sem os donativos, o défice corrente ultrapassou os 21% do PIB (segundo o FMI). Tal como seria de prever, atendendo às características das contas com o exterior e ao contexto adverso internacional, foram sentidas algumas dificuldades, em termos de pressão cambial nos primeiros meses do ano; dado que muitos movimentos de capitais permanecem ainda condicionados a autorização, esta situação foi contornada pelo Banco central, possibilitando o regresso de alguma normalidade e estabilização da moeda nos últimos meses (nomeadamente face ao USD). No entanto, o arrastamento da situação de crise internacional terá, necessariamente, impacto adverso nas contas externas, e em particular ao nível das reservas. Todavia, a possibilidade de recurso à Facilidade de Choques Externos do FMI, que tem mostrado ampla abertura nesse sentido, deverá aliviar o problema e permitir o regresso da confiança. Refira-se ainda que, **segundo o Banco de Moçambique, o nível actual de reservas ascende a 5 meses de importações, superior à previsão indicada pela OCDE; segundo o Banco Central, estas estão constituídas 60% em USD, 30% em EUR e 10% noutras moedas.**

A **Balança de Bens e Serviços** é bastante deficitária, mesmo incluindo os grandes projectos, cerca de 10% do PIB em 2008. Para tal contribui de forma significativa a importação de bens de equipamento e de combustíveis refinados (respectivamente 14% e 17% das importações de bens); entre os principais bens de consumo importados pesam os cereais, os automóveis, os medicamentos, o açúcar e a cerveja. No entanto, em 2008 houve bons desenvolvimentos a nível das exportações que, excluindo os megaprojectos, aumentaram 41%; destaca-se o tabaco, o gás, a amêndoa e a castanha de caju, o açúcar, com os maiores índices de expansão. Em termos de peso, o destaque vai para a energia eléctrica, gás, tabaco e açúcar.

Contas Externas - alguns indicadores

	2008	2007
Balança Corrente		
% PIB	-10.1	-9.7
USD milhões	-975	-785
Excluindo Mega projectos (% PIB)	-13.0	-14.9
Excluindo donativos (% PIB)	-21.2	-15.9
Balança de Bens e serviços		
% PIB	-12.4	-9.9
Excluindo Mega projectos (% PIB)	-22.9	-22.6
IDE - Entradas		
% PIB	6.1	5.3
USD milhões	587.1	427
Excluindo Mega projectos (% PIB)	3.0	2.6
Donativos - total		
% PIB	10.7	9.6
USD milhões	1031.8	778
Reservas		
USD milhões	1,684	1504
Em meses de importações	3.6	5

Fonte: OCDE, Banco de Moçambique, FMI.

Evolução da exportação de Bens (USD milhões)

	2007	Peso	2008	Peso	Var. anual
Total da exportação de Bens	2,412.1	100%	2,653.3	100%	10%
Mercadorias gerais	2,112.7	88%	2,196.5	83%	4%
Alumínio	1,480.2	61%	1,451.8	55%	-2%
Energia Eléctrica	239.7	10%	221.2	8%	-8%
Gás	120.7	5%	152.0	6%	26%
Tabaco	51.8	2%	132.1	5%	155%
Açúcar	61.8	3%	71.3	3%	15%
Algodão	42.0	2%	48.0	2%	14%
Camarão	62.1	3%	45.0	2%	-28%
Ilmenite	2.9	0%	26.0	1%	797%
Madeira	31.9	1%	25.5	1%	-20%
Castanha de Caju	10.8	0%	12.5	0%	16%
Amêndoa de Caju	8.9	0%	10.9	0%	22%
Combust. adquiridos em portos por transportadoras	20.9	1%	27.8	1%	33%
Reexportações (Combustíveis)	28.7	1%	32.6	1%	14%
Outros	249.8	10%	396.3	15%	59%
Exportações dos grandes projectos	1,843.5	76%	1851.1	70%	0%
Exportações excluindo os grandes projectos	568.6	24%	802.2	30%	41%

Fonte: Banco de Moçambique.

Nota: Grandes Projectos incluem Mozal, Sasol, Areias pesadas de Moma (Kenmare), Areias pesadas de Chibuto (Corridor Sands), Rio Doce Moçambique e Hidroeléctrica de Cahora-Bassa.

As **entradas de IDE** aumentaram 37.4% em 2008, alcançando USD 587 milhões. O contributo dos grandes projectos (incluem Mozal, Sazol, Areias pesadas de Moma (Kenmare), Areias pesadas de Chibuto (Corridor Sands), Rio Doce Moçambique, e Hidroeléctrica de Cahora-Bassa) reduziu-se, representando o remanescente cerca de 50%.

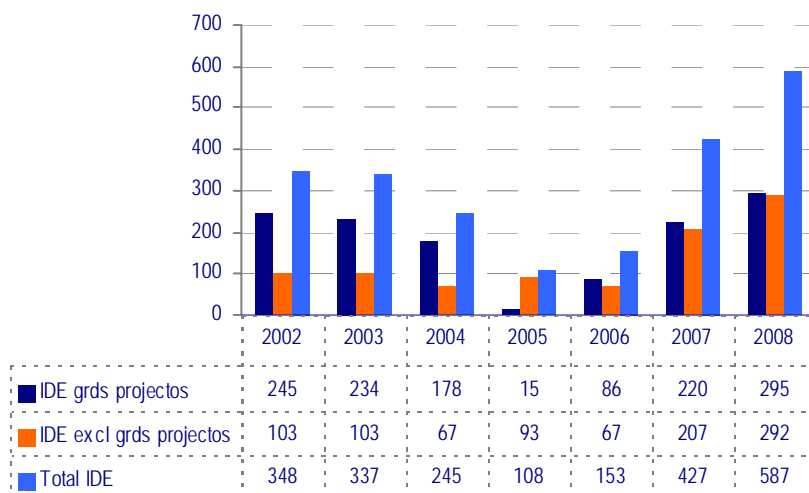
Por sectores, a repartição é a seguinte:

IDE por sector, em 2008

Indústria Transformadora	44%
Agricultura, Prod. Animal, Caça e Silvicultura	32%
Indústria Extractiva	10%
Comércio por grosso, a retalho e rep. diversas	5%
Actividades financeiras	4%
Alojamento e restauração	2%
Construção	2%
Outros	1%

Fonte: Banco de Moçambique

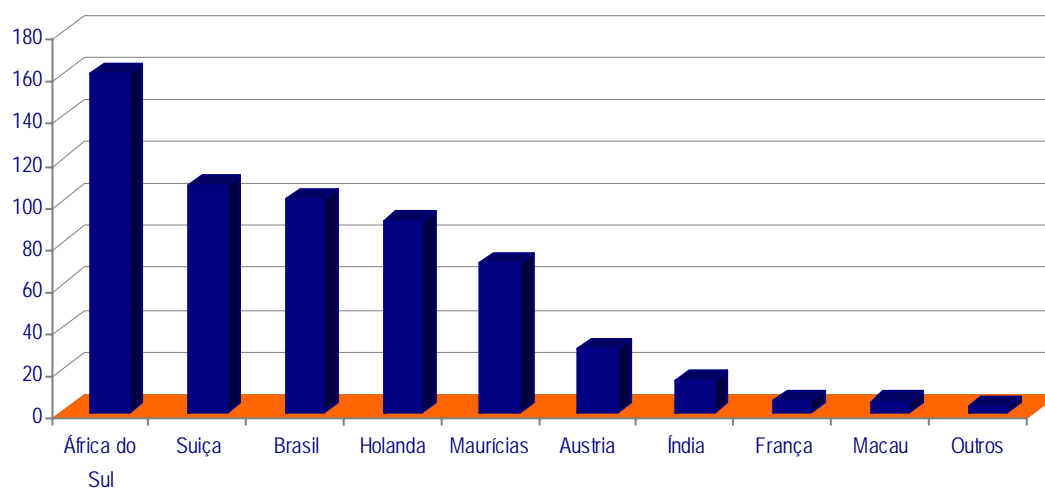
Investimento Directo Estrangeiro em Moçambique 2002-2008 (USD Milhões).



Fonte: Banco de Moçambique

Em termos de países de origem, destacou-se uma vez mais a África do Sul (pelo 3º ano consecutivo), Suíça, Brasil, Holanda, Maurícias, Áustria, e Índia.

Os dez países maiores investidores em Moçambique, 2008 (USD Milhões).



Fonte: Banco de Moçambique

2 - VISITA A MOÇAMBIQUE - A NOSSA APRECIÇÃO

Período da visita: 3 a 7 de Maio

Entidades contactadas: CFM, Portos e Caminhos-de-ferro de Moçambique; AICEP; Ministério da Planificação e Desenvolvimento; Hidroeléctrica de Cahora Bassa; BCI; Socremo (instituição financeira de microcrédito); CETA, construções; Banco Mundial; FMI, Banco de Moçambique e Ministério das Finanças.

2.1 - AVALIAÇÃO GENÉRICA

Regressámos ao país dois anos após iniciarmos o acompanhamento da economia. Moçambique será um dos países da África Austral menos afectados pela crise financeira internacional. A garantia de donativos está assegurada até 2010, e as expectativas de apenas um abrandamento moderado da produção no complexo industrial da Mozal, justificam as previsões relativamente optimistas para o país: no pior dos cenários antecipa-se que o PIB tenha um crescimento em torno dos 4% este ano e em 2010. No entanto, é inevitável que ocorra algum impacto: foi visível a quebra de actividade por exemplo, no transporte de mercadorias para exportação, nomeadamente minério (-30% nos primeiros meses do ano), graças à forte queda da procura pelos países asiáticos, nomeadamente China e Índia; o IDE deverá retrair ligeiramente apesar de bastante animação em torno de alguns projectos (sector energético, sobretudo); os donativos internacionais não estão em risco mas poderão recuar em 2010 dadas as dificuldades domésticas sentidas pelos países doadores (Reino Unido tem um peso expressivo), não obstante haver o sentimento de que a maior parte pretende continuar a participar no projecto de desenvolvimento de Moçambique.

A visão da cidade de Maputo e da vida económica e social dos espaços que tivemos oportunidade de visitar, sumaria-se numa perspectiva moderadamente optimista. Desde 2007, altura da primeira visita, pudemos observar um aumento significativo de movimentação de pessoas e também viaturas; alguma remodelação do parque automóvel (provavelmente sinais de incremento do número de expatriados e do turismo de negócios); aumento do comércio disponível, evidente não só no número e ramos de lojas/comércio abertas, na rua ou organizadas em espaços comerciais, como também na existência de algumas marcas internacionais. Destaca-se também a existência de, pelo menos, dois centros comerciais abertos recentemente, o Polana Shopping e outro na Baixa de Maputo, este último maior e com um leque relativamente variado de bens à disposição. O número de supermercados aumentou, com preços semelhantes ou ligeiramente mais caros que os praticados em Portugal, denotando a existência de procura de suporte.

Apesar desta avaliação globalmente positiva, observaram-se outras evoluções menos favoráveis e que estão naturalmente relacionadas com o caminho que falta trilhar em direcção ao desenvolvimento da economia moçambicana: destacamos as deficiências ao nível do saneamento básico; alguma degradação (que persiste) no parque imobiliário, mesmo nas principais zonas da capital; carências ao nível de infraestruturas, sobretudo rodoviárias (estradas e passeios em mau estado); e ao nível dos transportes públicos, etc. No entanto, os aspectos positivos foram claramente predominantes. Salientamos também a facilidade de movimentação pedestre e a quase total ausência de sentimento de insegurança, um aspecto que claramente favorece o clima de negócios.

Em termos macroeconómicos, a nossa apreciação difere consoante o horizonte considerado.

□ **Curto/médio prazo** - existem algumas incertezas e os riscos são negativos. As doações internacionais têm algum risco, mas limitado; o projecto Mozal, que representa cerca de 55% das exportações de mercadorias, não parece ter risco de continuidade, ainda que a redução da produção se reflecta no crescimento do PIB este ano; relativamente aos restantes grandes projectos de investimento, ainda que alguns tenham sido cancelados ou adiados (corredor de areias pesadas em Moatize) e outros sofram redução da produção (Mozal, alguns projectos de Moma), tem sido reportado aumento de produção noutros (condutas de petróleo e gás natural da Sasol que abastecem a África do Sul), exercendo um efeito compensatório. Adicionalmente, verifica-se uma actividade fervilhante relativamente a outros projectos, já aprovados ou em fase de aprovação, e que apenas vão gerar valor acrescentado directamente em 2010 ou 2011, mas que, entretanto, têm implicações a montante, nas infraestruturas, no surgimento de alguma actividade de serviços, etc. Há forte actividade relacionada com o projecto de exploração das reservas de carvão em Tete: a linha ferroviária do Sena (que liga Caia ao Porto da Beira) está a ser recuperada e o Porto da Beira reestruturado, por forma a permitir a entrada de navios de maior porte; continuam as actividades de prospecção de gás natural e petróleo no Rovuma; e o projecto da segunda barragem do rio Zambeze, a Sul da primeira barragem de Cahora Bassa, poderá também avançar ainda este ano (se bem

que subsistam algumas dúvidas). Atendendo à economia dual, bipolarizada, que é característica de Moçambique, **não parece haver grandes riscos para o crescimento pois existe algum isolamento face à crise financeira internacional**. Esta apenas se tornaria mais evidente por eventuais dificuldades de financiamento, via donativos internacionais ou IDE, ou por eventual maior travagem da produção no complexo industrial da Mozal, factores que parecem relativamente controlados pelo que atribuímos pouca probabilidade de ocorrência. A perspectiva de acesso a uma linha de financiamento do FMI - Facilidade de Choques Externos - para fazer face à antecipada queda das receitas de exportação e eventual aumento da pressão de depreciação sobre o metical, contribuirão para reforçar a confiança e estabilizar as reservas externas.

□ **Médio/Longo prazo** - Não obstante a excelente performance do país como exemplo de implementação de políticas de estabilização em ambientes pós-guerra, colocam-se algumas reticências quanto à estratégia de fundo, dada a aparente ausência de fortes convicções quanto ao caminho a seguir. Existe a percepção de que é necessário caminhar para a redução da dependência face ao exterior, em particular, aos donativos internacionais que representam cerca de metade do Orçamento de Estado, mas a estratégia para lá chegar é difusa. Que sectores acarinhar de forma activa? Como fomentar condições para o desenvolvimento de um sector privado robusto? Como reduzir activamente a informalidade (que poderá representar cerca de 80% da actividade económica)? São questões que se colocam a longo prazo. No fundo, para onde Moçambique quer caminhar, que profissões estimular, que infraestruturas desenvolver, etc.

No plano social, existe a intenção de reduzir a pobreza, aumentar a escolaridade, caminhar em direcção ao cumprimento dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, mas parece faltar uma clara percepção e convicção em como lá chegar. As atenções e esforços estão excessivamente concentrados nos sectores capital-intensivos, nos grandes projectos de investimento (consultar quadro anexo, no final da publicação), com limitada capacidade de estímulo aos restantes sectores da economia. Fala-se do necessário desenvolvimento do sector do turismo e da agricultura mas não há infraestruturas de suporte, nem existem apoios definidos. No caso da agricultura, estas deficiências tornam muito onerosa economicamente a criação de estruturas produtivas com objectivo comercial; são notórias também deficiências a nível da formação no sector, herança ainda do período beligerante e de deslocamento das populações, em que houve uma "desaprendizagem" nesta matéria. No entanto, é de assinalar que existem melhorias evidentes neste capítulo, contribuindo para reduzir situações de carência alimentar graves, graças ao gradual surgimento da agricultura de subsistência.

Não obstante a ausência de uma estratégia claramente definida, sobretudo a longo prazo, parece-nos que existe alguma consciência entre as classes dirigentes nesta matéria. Estas dificuldades têm a ver também com o difícil percurso histórico, um historial de guerra, de abandono de unidades produtivas, de destruição ou desaproveitamento também de capital humano. Por um lado, a distância temporal desde o final da época de conflito ainda é curta, do ponto de vista histórico. Por outro lado, os recursos são muito limitados (a economia moçambicana em 2008 representava cerca de 9.7 mil milhões de USD, segundo o FMI, aproximadamente 1% do PIB da região da África Subsaariana e 2% dos países da SADC) e há que fazer opções imediatas que condicionam o percurso e cujos resultados só são visíveis a mais longo prazo. A título de exemplo, uma das críticas muitas vezes apontada prende-se com a preocupação quase apenas quantitativa nos índices de educação. A aposta na educação passa sobretudo pela construção de mais escolas e contratação de professores, estando os conteúdos em segundo plano. Todavia, esta é talvez a opção mais razoável face ao baixo nível de partida, quer em termos de estrutura quer também a nível da taxa de escolarização. E a médio prazo, apostando gradualmente mais nos conteúdos e qualidade do ensino prestado, pode revelar-se ter sido a estratégia acertada, contribuindo para a disseminação da escolarização e alfabetização, passos fundamentais para alcançar o desenvolvimento económico.

Em resumo, estamos globalmente optimistas para a economia moçambicana ainda que as francas melhorias observadas nos principais índices de desenvolvimento aparentem agora estar a perder fulgor. Mas a classe política e os dirigentes moçambicanos têm já um percurso feito importante, pelo que naturalmente existirá a consciência que é preciso actuar de forma muito pró-activa em prol do desenvolvimento e redução da pobreza; por um lado, a experiência de outros países mostra que o crescimento com base apenas no aproveitamento de recursos naturais não é sustentável; por outro lado, o alargamento do fosso entre a economia reflectida nos números oficiais e a actividade paralela não é um desenvolvimento positivo, dada a probabilidade de que surjam fenómenos de acentuada instabilidade social. Finalmente, refira-se que a estabilidade política e a perspectiva de que os actos eleitorais agendados para o próximo mês de Outubro ocorram com a maior das normalidades, justificam também optimismo para o país, pois existirá força política suficiente para avançar com mais reformas e medidas estruturais que possibilitem que o processo de desenvolvimento ganhe um ímpeto renovado, contrariando algumas críticas que apontam para a perda de fulgor e a paragem no processo de redução da pobreza.

2.2 - Riscos/Pontos fracos

HIV/SIDA - Para além de todos os riscos conjunturais e estruturais já mencionados, consideramos o problema do Sida como o mais grave e maior desafio que o país enfrenta. Segundo os resultados da última ronda epidemiológica, realizada em 2007 e cujas conclusões foram publicadas em 2008, com o patrocínio do Banco Mundial, a taxa de prevalência do HIV em adultos (15-49 anos) situava-se em 14% em 2008, afectando 16% das mulheres grávidas. O número de pessoas vivendo com o HIV alcança cerca de 1.6 milhões de indivíduos, todos os dias ocorrem cerca de 440 novas infecções, mais de 380 mil indivíduos precisam de tratamento antiretroviral (entre os quais 45 mil crianças), o número de óbitos em 2008 foi de 92.1 mil indivíduos e 463 mil crianças ficaram órfãs. Refira-se que os valores divulgados pelo Departamento de acompanhamento do Sida da ONU (UNAIDS) e pela Organização Mundial de Saúde são semelhantes, apontavam para que o número de adultos contaminados em 2007 se situasse entre 1.3 milhões e 1.7 milhões.

Os índices de prevalência estimados para a região Sul e Centro são bastante superiores aos da região Norte: respectivamente 21% para as províncias de Maputo (cidade e província) Gaza e Inhambane (tem a menor dos quatro, 12%); 18% para o Centro, destacando-se Sofala e Zambézia com 23% e 19%, Tete com 13%; 9% para o Norte, englobando Niassa, Nampula e Cabo Delgado.

Estas são as estimativas oficiais que já por si apresentam um quadro preocupante, dos mais graves nos países da região. Existiam alguns indícios de estabilização, sobretudo nas províncias das regiões Norte e Centro; todavia, a região Sul parece encontrar-se ainda numa fase ascendente do ciclo de contaminação. Por outro lado, as estimativas oficiais subestimam provavelmente o problema, que se suspeita ser mais grave.

Para além da perda de vidas e do aumento previsível do número de crianças órfãs, o facto de a doença afectar sobretudo jovens adultos, na fase em que poderiam prestar maior contributo à sociedade e à economia, coloca desafios importantes à sociedade moçambicana, em geral, aos indivíduos e também às empresas. De facto, apesar do Estado fornecer gratuitamente o tratamento, as entidades empregadoras têm também de fazer um esforço significativo no sentido não só da prevenção, mas também do tratamento, com custos elevados para as empresas, sobretudo as que geram menor valor acrescentado por trabalhador.

Neste contexto, os principais desafios são, para além da prevenção e tratamento, por um lado **desenvolver estratégias que permitam "tirar partido" da população já contaminada - não podem/devem ser considerados um passivo a abater**; por outro lado, actuar de forma mais determinada na prevenção, pois a contaminação não acontece apenas pelas vias tradicionais; está também relacionada com falta de cuidados/meios sanitários e de higiene disponíveis à população; e também com atitudes centenárias e que derivam de crenças profundamente enraizadas, como é o caso do amplo e disseminado recurso a curandeiros.

Fraca integração inter-regional - não existe ligação ferroviária entre o Norte e o Sul do país; a ligação por estrada é muito deficiente; a alternativa de utilização mais intensiva de transporte marítimo não é viável dado que custa o triplo relativamente ao transporte de mercadorias pela via terrestre, devido à tributação e ao custo de manutenção dos canais, imputado às empresas de cabotagem. É certo que não existe massa crítica que justifique o lançamento de vias de ligação mais funcionais. No entanto, como desenvolver outros sectores de actividade económica (nomeadamente o turismo e a agricultura) sem as infraestruturas adequadas?

Desenvolvimento de um sector privado forte e expressivo - Este é um dos maiores desafios que Moçambique enfrenta de forma a gerar uma dinâmica de crescimento interno auto-sustentável, que suporte o desenvolvimento económico e social do país. De facto, a economia moçambicana está completamente bipolarizada. Por um lado, existe a economia formal, que se reflecte nos números que analisamos; por outro lado, existe uma enorme massa de população na informalidade; vive de pequenos negócios, de oportunidade, de "biscates", etc. Estima-se que a informalidade represente cerca de 80% da actividade económica.

Principais Indicadores de Impacto Demográfico do HIV/SIDA
(Moçambique, anos 2008 a 2010).

	2008	2009	2010
Taxa de Prevalência do HIV em Adultos			
População geral 15-49 anos	14.0%	14.0%	14.0%
Mulheres grávidas 15-49 anos	16.0%	16.0%	16.0%
Número de Pessoas Vivendo com o HIV	1.6 milhões	1.6 milhões	1.7 milhões
Número de Novas Infecções Diárias	440	440	445
Número de Pessoas que Precisam de TARV			
Adultos (15+)	385.2 mil	425.1 mil	465.9 mil
Crianças (0-14)	44.7 mil	47.0 mil	49.2 mil
Número de Óbitos Devido ao SIDA	92.1 mil	96.3 mil	98.0 mil
Número de Órfãos Devido ao SIDA (0-17 anos)	462.9 mil	510.5 mil	557.5 mil

Fonte: "Ronda de vigilância epidemiológica", Set 2008; INE, Min. Saúde, Min. Planif. e Desenv. et all.

Para o desenvolvimento de um sector privado forte será fundamental melhorar o ambiente de negócios (a classificação no índice *Doing Business* piorou em 2009, passando da posição 139 para 141 num conjunto de 181), reduzindo a burocracia, a corrupção, flexibilizando a lei laboral - neste capítulo seria necessário abordar de uma forma mais flexível as quotas de contratação de expatriados (máximo de 5% para empresas com mais de 100 trabalhadores; não é por grupo, mas sim por unidade produtiva ou seja, a administração conta individualmente em cada empresa); mais importante que o número de trabalhadores seria a existência de um plano de formação dada a escassez de certas competências técnicas no país (por exemplo, a nível de certificação de contas pelos padrões internacionais).

Posição na listagem *Doing Business* do Banco Mundial relativamente a Moçambique.

	2007	2008	2009
Índice geral	140º	139º	141º
Começar um negócio	157º	130º	144º
Obtenção de licenças de construção	147º	147º	153º
Empregar pessoal	162º	166º	161º
Registo de propriedade	124º	144º	149º
Obtenção de crédito	94º	126º	123º
Protecção dos investidores	96º	33º	38º
Pagamento de impostos	66º	77º	88º
Comércio transfronteiriço	137º	145º	140º
Cumprimento de contractos	141º	142º	124º
Fechar o negócio	130º	137º	133º

Fonte: *Doing Business 2009*.

A **dificuldade de obtenção de financiamento** é um dos factores habitualmente mencionados como constituindo um entrave ao desenvolvimento do sector privado. Esta não é uma questão de fácil resolução, pois depende da lenta emergência de um sector formal mais robusto. De facto, dificilmente a banca tradicional concede financiamento sem ter análises credíveis e consistentes dos projectos de investimento. Para além da necessária credibilidade dos projectos, deverá haver notória capacidade de gestão. Por seu turno, pode argumentar-se que não existe capacidade para desenvolver esse tipo de actividades. Tipicamente, os negócios não têm contabilidade organizada, além de que os próprios projectos são por vezes de natureza duvidosa (aproveitamento do negócio de ocasião, etc). Neste capítulo, **a gradual emergência de instituições de microcrédito com alguma capacidade de actuação e expressão poderá revelar-se fundamental até que Moçambique atinja um patamar de desenvolvimento mais elevado**. De facto, no sector bancário tradicional, que apenas lida com o sector formal da economia, existe uma enorme concentração de clientes, reflectindo precisamente a bipolarização da sociedade: grosso modo, os 100 maiores mutuários representam mais de metade do crédito concedido pelo sistema.

Risco político - Não existe risco político considerável, apesar da proximidade de realização de eleições (presidenciais, legislativas e provinciais) marcadas em simultâneo para o dia 28 de Outubro próximo.

- A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) continua a ter liderança política e os partidos que actualmente constituem a oposição não terão grande expressividade nas próximas eleições.
- Tal decorre, por um lado, de algum desgaste que tem afectado o maior partido da oposição, a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), em particular o seu líder Afonso Dhlakama. Recentemente, surgiu um novo partido, Movimento Democrático de Moçambique (MDM), cujo líder é Daviz Simango, anterior independente que ganhou o município da Beira nas eleições realizadas em Novembro passado. É pouco provável que este novo partido consiga ter uma expressão visível nas próximas eleições, não devendo pôr em causa a hegemonia da Frelimo.
- A médio prazo, contudo, o MDM poderá contribuir para consolidar a oposição, o que fortalecerá também a democracia.
- O actual Presidente, Armando Guebuza, deverá ganhar confortavelmente as próximas eleições, naquele que será o seu segundo e último mandato (segundo a Constituição).
- **O facto de não haver risco em torno da realização dos próximos actos eleitorais não significa que não exista risco político em Moçambique.** De facto, a evidente perda de fulgor na realização de reformas, a percepção de que o processo de redução de pobreza e melhoria de vida da generalidade da população estará a abrandar significativamente tem gerado algum desconforto e mal-estar social.

Este tornou-se evidente em 2008, aquando dos levantamentos populares posteriores ao encarecimento dos combustíveis e bens alimentares, que aparentemente surgiram espontaneamente, sem que sequer tivesse havido aproveitamento político, o que coloca ainda maior apreensão. Neste contexto, urge acelerar o processo de desenvolvimento, redução de pobreza, aposta na educação, fomento de um sector privado forte e diversificado gerador de emprego, de forma a limitar o surgimento de focos de tensão social, potencialmente disruptores do sucesso já alcançado.

2.3- Oportunidades/Pontos fortes

A localização geográfica de Moçambique, a extensa linha de costa e o facto de fazer fronteira com países com dimensão económica significativa no contexto da região da África Austral, constituem alguns dos pontos fortes da economia, porventura ainda por explorar plenamente. A possibilidade de Moçambique funcionar como plataforma logística e de transacções comerciais para países sem linha de costa, como é o caso da Zâmbia, do Zimbabué ou do Botsuana, e a intensificação das ligações económicas com a África do Sul, a maior economia da região, constitui uma oportunidade ainda pouco explorada. Para tal impõe-se a melhoria de alguns eixos ferroviários, alterações estruturais nos principais portos, de forma a possibilitar a sua utilização por navios de maior porte, articulação com os eixos ferroviários, criação de terminais logísticos, entre outros. Recordamos que o sistema de transportes de mercadorias em Moçambique assenta basicamente em 3 sistemas ferro-portuários, com os seguintes volumes de transacções estimadas:

- Linha do Sul, com referência ao Porto de Maputo, que estabelece a ligação com Ressano Garcia (fronteira com a África do Sul, a mais importante), a Suazilândia e o Zimbabué, com um volume de transacções que ronda os 8 milhões de toneladas/ano.
- O corredor da Beira, muito afectado pela crise no Zimbabué, mas que está de novo a renascer graças aos novos projectos de extracção de carvão na província de Tete; estão em curso obras de recuperação da Linha do Sena, que liga Moatize ao Porto da Beira (onde está a ser construído um terminal dedicado de carvão). Este corredor transporta cerca de 2 milhões de toneladas/ano.
- Linha do Norte, que serve o Porto de Nacala transporta menos de 1 milhão de toneladas/ano.

Claramente a linha do Norte parece sub-aproveitada enquanto o corredor da Beira deverá desenvolver-se de forma significativa nos próximos anos. Refira-se ainda que há perspectivas de crescimento a médio prazo da Linha do Norte, que poderá ligar Moçambique a Angola e ao Congo através da Zâmbia e de Malawi. Aparentemente esta ligação estará dependente da conclusão de cerca de 2 km de linha entre a Zâmbia e o Malawi.

Outros constrangimentos existem no sistema de transportes: apenas o porto de Maputo possui condições para navios de carga internacionais, de maior porte; os portos do Norte e Centro do país são essencialmente de cabotagem, ainda que na Beira se discuta actualmente a possibilidade de fazer um porto de águas profundas. Existe um projecto antigo, de construção de um outro porto de águas profundas em Matutuine, na província de Maputo, que aparentemente poderá estar prestes a avançar. Este porto teria o objectivo de escoamento do carvão vindo da África do Sul e do Botsuana para exportação e serviria também para permitir o transporte de petróleo refinado, a partir de uma unidade de refinação de crude a construir na mesma área. A sua construção justifica-se atendendo à impossibilidade dos terminais de Maputo e da Matola cumprirem esta função.

Recursos naturais, sobretudo carvão e gás natural; potencial plataforma de fornecimento de energia eléctrica para os países da região, tirando maior partido dos recursos hídricos abundantes e de geração de electricidade através do carvão; potencial para exportação de carvão para os países da região - Este é um sector em clara fase ascendente na economia moçambicana, que parece estar de facto a ser aproveitado, nomeadamente na zona central de Moçambique, na província de Tete. Foram confirmadas recentemente reservas muito extensas de carvão, vários projectos estão em fase de implementação em redor de Moatize, com a participação de diversas empresas internacionais (Riversdale, empresa mineira australiana; Vale, maior empresa brasileira do sector mineiro; Tata Steel, empresa indiana na área da siderurgia; Sazol, petrolífera sul-africana, que actua também nos sectores da indústria química, na exploração de



Dimensão económica relativa em 2008.

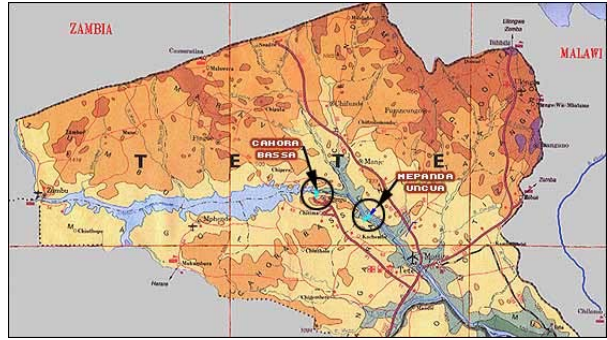
	PIB Pr correntes, USD Mil milhões	Em % do PIB da África Subsaariana
África Subsaariana	991.5	-
Países da África Austral	478.3	48.2%
África do Sul	277.2	28.0%
Angola	83.4	8.4%
Zâmbia	14.3	1.4%
Botsuana	13.5	1.4%
Zimbabue ⁽¹⁾	12.0	1.2%
Moçambique	9.7	1.0%
Madagascar	9.3	0.9%
Maurícia	8.7	0.9%
Namíbia	8.5	0.9%
Malawi	4.3	0.4%
Suazilândia	2.8	0.3%
Lesoto	1.6	0.2%
Restantes Países da SADC		
Tânzania	20.7	2.1%
Rep. Dem. Congo	11.6	1.2%
Seychelles	0.8	0.1%

Fonte: FMI, BBPI.

Nota: ⁽¹⁾ - valor de 2007.

minério, fertilizantes, etc e Eskom, a eléctrica responsável pela geração, transformação e distribuição da electricidade na África do Sul etc). Adicionalmente, continuam a fazer-se prospecções de petróleo e gás natural na bacia do rio Rovuma. Está ainda em fase de preparação um projecto para a construção de uma central térmica de produção de energia através do carvão, semelhante à que existe já na África do Sul.

Relativamente aos recursos hídricos, vários projectos de investimento estão em fase de análise. **A OCDE, no seu relatório mais recente sobre a região de África, refere 7 projectos, que deverão aumentar a capacidade de geração de energia dos actuais 2 mil MW (megawatts) para 6 442 MW;** para além da barragem de Cahora Bassa, existe a possibilidade de construção de duas novas barragens; uma a Norte de Cahora Bassa; expansão da actual HCB até aos 2.9 mil MW; construção da barragem de Mepanda Uncua, entre a actual HCB e Tete, com uma capacidade de 2 400 MW; reabilitação das estações hidroeléctricas de Chicamba (45 MW) e rio Mavuzi e a construção de uma estação termal na província de Tete. Aparentemente o avanço de Mepanda Uncua poderá ser anunciado em breve, ainda que subsistam dúvidas quanto à obtenção de financiamento. É um facto que existe bastante procura, actual e potencial,



para justificar o incremento de fornecimento de energia eléctrica subjacente à construção destas novas barragens. Em termos de fornecimento para exportação, pelo menos a África do Sul tem elevadas carências a este nível; por outro lado, internamente existe também uma elevada procura potencial, em formação, atendendo à progressiva electrificação do território: actualmente apenas 86 distritos estão ligados à rede eléctrica nacional, espera-se que mais 9 fiquem ligados até final do ano e ainda ficam 34 por electrificar em 2010. Refira-se ainda, no sector energético, que a Eskom, a eléctrica sul-africana, estará prestes a completar o primeiro sistema de energia eólica na província de Inhambane, com o objectivo de efectuar a ligação à rede eléctrica nacional.

Sector agrícola - Tem um peso significativo no PIB, cerca de 20%, e ocupa cerca de 80% do emprego; no entanto, o seu contributo para o crescimento tem sido volátil, dependendo bastante de questões climáticas. Este é um sector em que se observa uma total dualidade: por um lado existe um número significativo de famílias cujo rendimento advém da prática de actividades agrícolas e que desenvolvem sobretudo agricultura de subsistência (estima-se cerca de 3.2 milhões de pequenos agricultores); em contrapartida, existem produtores com uma escala significativa (cerca de 400 agricultores comerciais), que produzem sobretudo para os mercados externos e que tipicamente estão relacionados com investimento directo estrangeiro - nomeadamente grandes produções de cana-de-açúcar, tabaco, algodão, chá, etc.

Dadas as fortes oscilações climáticas, com impacto na produção sobretudo das zonas mais férteis como são o vale do rio Zambeze, e face à tendência nos últimos anos no sector, as autoridades têm procurado promover a produção agro-pecuária (Plano de Acção de Produção de Alimentos), sobretudo de pequenos e médios agricultores, com vista à **auto-suficiência em alguns alimentos**: milho, trigo, frango, feijão, arroz... Em paralelo, têm vindo a surgir e estão em fase de avaliação diversos projectos de produção de bio-combustíveis, por exemplo o projecto de Massingir, de produção de cana-de-açúcar com vista à obtenção de álcool.

Este é um sector onde existem ainda oportunidades e grandes necessidades de investimento. Por exemplo, a nível de maquinaria, sistemas de irrigação e formação dos pequenos e médios agricultores. No entanto, apesar de as autoridades fornecerem alguma matéria-prima, designadamente sementes, e terem estabelecido silos de armazenagem em algumas localidades, subsistem ainda muitos entraves ao pleno desenvolvimento desta actividade; por exemplo, não existe a preocupação com o escoamento da produção, o sistema de transportes até aos silos ou aos mercados. Adicionalmente, há muitas **necessidades de formação** no sector, por exemplo, a nível de utilização de maquinaria ou de técnicas de melhoramento da produção, cuja execução deveria ser assumida pelas autoridades dada a reduzida massa crítica para que surjam iniciativas privadas neste âmbito. Apesar das carências e do muito que ainda há por fazer no sector agrícola, pode afirmar-se que muito gradualmente se assiste ao renascimento da pequena agricultura de subsistência, o que é um passo positivo no sentido da reaprendizagem de técnicas ancestrais, que tinham sido perdidas nos anos de conflito armado. Por outro lado, é um passo fundamental para a redução dos níveis de pobreza e melhoria dos níveis de vida da população, sobretudo a rural.

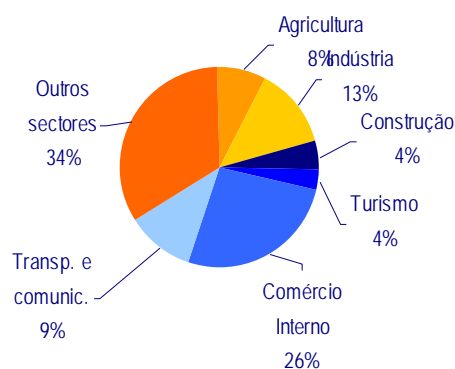
Outros sectores com oportunidades de investimento

- **Turismo** - dadas as condições geográficas e de beleza natural do país. No entanto, o pleno desenvolvimento deste sector enfrenta significativos entraves, designadamente a deficiência ao nível de infraestruturas de transportes, sanitárias, redes de água, etc, para além da questão dos preços das viagens, tornando o país pouco acessível aos mercados atractivos do Ocidente e da Europa.
- **Agro-indústria** - não é suficiente ter produção agrícola e exportar em grão; seria preferível ter transformação de produtos para exportar. Com escoamento garantido, seria mais evidente a necessidade de investir no aumento de produtividade.
- **Equipamento, técnicas, etc, para a agricultura** - há alguns incentivos, isenções, taxas mais baixas, etc.
- **Construção** - forte actividade de recuperação e construção de estradas, escolas, barragens, central térmica. Porto da Beira vai sofrer melhoria; actividades de dragagem. Tem havido expansão na construção privada.

2.4 - SISTEMA FINANCEIRO

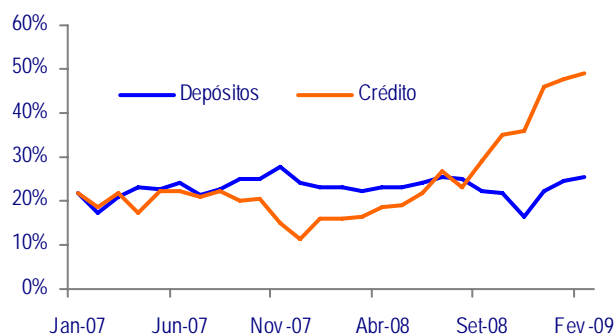
- O sistema financeiro é composto por 14 bancos mas existe uma grande concentração nos 4 maiores, que em Dezembro de 2008 acumulavam 89% do crédito do sistema e 91% dos depósitos.
- A progressiva bancarização do território continua; sobretudo os maiores bancos estão a fazer expansão territorial fora dos grandes centros urbanos, com algumas contrapartidas por parte do Governo; por exemplo, captação das contas e do movimento inerente aos funcionários públicos. Exemplos destas localidades são Magude ou Caia, onde se irá fazer a ponte sobre o rio Zambeze. Outros incentivos são a redução dos requisitos de capital para IF's que abram em zonas sem bancos; redução de impostos para importação de equipamentos; redução das reservas obrigatórias.
- O sistema financeiro doméstico tem estado relativamente resguardado da crise financeira internacional, dado que os bancos não tinham exposição directa aos activos mais problemáticos; indirectamente, por via da estrutura accionista não tem havido também qualquer impacto. De qualquer forma, o Banco central efectua regularmente análises prudenciais de forma a aferir sobre o impacto da crise. Está a iniciar-se a supervisão com base na análise de risco e o banco central está a receber consultoria em Basileia II (que está actualmente a ser implementado no sistema bancário), *Corporate Governance*, Branqueamento de capitais, Microcrédito, etc.
- Relativamente aos elementos prudenciais, os índices de solvabilidade, rendibilidade, risco de crédito e liquidez são considerados satisfatórios pelo Banco central; os bancos maiores apresentam rácios de solvabilidade confortavelmente acima dos 8%; os níveis de incumprimento situam-se em torno de 1% (e os *write-offs* não são representativos, segundo o BC).
- O crédito à economia acelerou em 2008 (de 11.6% y/y em Dezembro 2007 para 49% em Fevereiro 2008) e excluindo os grandes projectos, houve maior recurso ao endividamento externo privado. O crédito em moeda estrangeira tem vindo a crescer a um ritmo superior ao crédito em moeda nacional tendo a sua proporção aumentado de 1/4 do total no final de 2007 para 1/3 do total.
- Os sectores com maior peso no crédito concedido são o Comércio (26%), Indústria (13%), Transportes e comunicações (9%) e Agricultura (8%). Cerca de 34% do crédito encontra-se disseminado por diversos sectores da economia o que pode ser considerado um factor positivo tendo em vista um crescimento diversificado. Por outro lado, uma maior concessão de crédito aos sectores agrícola e industrial pode ser encarada como benéfica. O aumento da produção agrícola permite, não só, o desenvolvimento das áreas rurais e a diminuição das situações de pobreza extrema, como também, a diminuição da dependência externa alimentar do país. Da mesma forma, o desenvolvimento do sector industrial permite uma diminuição da dependência externa em relação aos bens de consumo que necessitam de ser importados quase na totalidade.

Crédito por sector (Dez-08).



Fonte: Banco de Moçambique

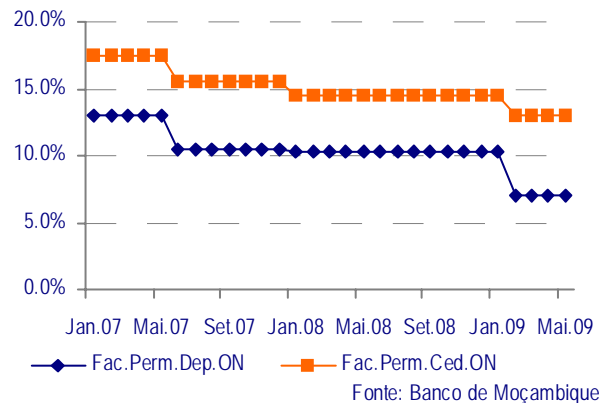
Crédito e Depósitos (var y/y).



Fonte: Banco de Moçambique, BBPI

- O ritmo de crescimento dos depósitos permaneceu elevado. Em 2008, os depósitos cresceram 22%, menos 2 p.p. do que em 2007. Em Fevereiro, o crescimento anual dos depósitos situava-se em 25%. Os depósitos em moeda nacional cresceram a um ritmo mais elevado do que os depósitos em moeda estrangeira e representavam, em Dezembro, 61% do total, um aumento de 7 p.p. face ao ano anterior.
- O diferencial entre taxas de juro activas e passivas permanece elevado. As taxas de juro passivas para operações a 180 dias permaneceram entre 10% e 11% enquanto que as taxas de juro activas para operações a 180 dias situaram-se entre 21% e 22%. O elevado diferencial justifica-se, por um lado, pela elevada taxa oferecida pelos BT's para o mesmo prazo (em torno dos 14%) que não possuem risco, e, por outro lado, pelo elevado risco que ainda constitui a concessão de créditos a privados pela falta de garantias reais e pela frequente ausência de um plano de negócios que suporte a viabilidade económica dos projectos.

As taxas directoras do Banco de Moçambique não sofrem alterações desde Fevereiro.



O exemplo do microcrédito

- Existem várias instituições de microcrédito que actuam em Moçambique; apesar de terem pouca expressão em termos de activos e passivos dada a elevada rotatividade da sua carteira e os reduzidos montantes habitualmente envolvidos, o microcrédito assume uma função fundamental na economia do país, dado o peso significativo da informalidade.
- Existem dois tipos de intervenientes neste segmento de mercado: os que actuam sobre a alçada de organizações não governamentais (ONG's) e os que têm uma base de capital privada, factor que pesa naturalmente sobre o seu modo de actuação.
- No caso do segundo tipo de instituição, verifica-se que o prazo médio de concessão de crédito é 1 ano, o montante médio financiado é de 1000 USD; cerca de metade da carteira tem um montante médio de financiamento até 10 mil meticais.
- Este é um negócio com grandes especificidades, pois a carteira é muito rotativa; os clientes são quase todos do segmento informal, pelo que cada análise de crédito, efectuada (e concluída) num prazo entre 3 e 5 dias, é muito mão-de-obra intensiva: a análise de documentos é substituída pelo relacionamento directo, pessoal, com os clientes, os fornecedores, mesmo com a família do potencial cliente. No caso de novos empréstimos a um mesmo indivíduo, situação muito típica, não é necessária uma nova análise de crédito intensiva, diminuindo o custo marginal dos reempréstimos.
- Exemplos de negócios habitualmente financiados - padarias; indústrias sucateiras; negócios de ocasião; biscates, etc. Por contraponto, algumas das instituições de microcrédito não se dedicam habitualmente ao crédito ao consumo.
- As vantagens deste tipo de instituição têm sobretudo a ver com a base diversificada de clientes; as garantias não são as tradicionais, mas têm habitualmente um valor psicológico para o cliente (bicicleta, televisão, etc), pelo que tipicamente o peso dos valores em incumprimento ou mora é muito baixo. Estes baixos valores dos níveis de incumprimento só são possíveis devido a uma pressão imediata para o pagamento em caso de falha do mesmo, aliada à obrigação moral existente. Acresce ainda que a existência de garantias com mero valor psicológico é um risco, pois pelas suas características não têm valor comercial e o funcionamento dos tribunais torna morosa a sua recuperação, se não mesmo inviável.
- Em relação à banca tradicional, actualmente existe concorrência e alguma agressividade por parte das instituições de microcrédito, que oferecem depósitos com taxas mais vantajosas. Apesar de terem pouca expressividade na captação de recursos, influenciam os custos dos depósitos em alta. No que concerne ao crédito concedido, não se coloca uma questão de canibalização da actividade pelas instituições de microcrédito uma vez que os empréstimos efectuados por estas se dirigem ao sector informal da economia, visando segmentos de mercado distintos dos da banca tradicional.

Anexo - Grandes Projectos

Investimento	Montante	Fase em que se encontra	Investidor	Prazo de conclusão	Descrição	Fonte:
Extracção de carvão Moatize	USD 1.3 MM	Em construção	Vale Rio Doce	Previsto início de produção em Dezembro de 2010	Reserva provadas e prováveis de 833 milhões toneladas métricas capacidade nominal de produção de 11 milhões de toneladas métricas e planta de lavagem de carvão com capacidade para 26 milhões de toneladas métricas	http://www.vale.com
Extracção de carvão Benga	Investimento directo de capital durante desenvolvimento de mais de USD 800 M	Em construção	Riversdale (65%) e Tata (35%)	Último trimestre de 2010	Reservas de 273 milhões toneladas métricas, produção inicial de 5.3 milhões de toneladas métricas por ano até atingir 20 Mtpa condicionado pela existência de capacidade de escoamento	Site Riversdale e Reuters
Reabilitação da linha Moatize-Beira	USD 200 M	Em construção	CFM (49%) e Rites (51% Índia)	Janeiro de 2010	Financiamento de USD 104.5 M do Banco Mundial com possibilidade de USD 45 M adicionais. Resto do financiamento vem do consórcio. BEI concede empréstimo de EUR 42 M em 30/04/09	Reuters, BEI
Reabilitação do porto de Beira	USD 40 M	Em construção	CFM	-	Financiamento de EUR 23 M do BEI.	BEI
Central termoelectrica a carvão	USD 3.1 MM	-	Riversdale	-	-	Reuters
Prospecção de gás em Buzi na provincia de Sofala	USD 30 M	-	ENH (25%) e PT Kailia (75%)	-	Reservas estimadas entre 10 e 17 MM pés cúbicos	Reuters
Projecto areias pesadas de Chibuto no sul de Gaza	USD 800 M	Em fase de prospecção	BHP-Billiton	-	Aliado de acordo com A. Nucifora e S. Fischer	Reuters
Prospecção de gás e petróleo na baía de Rovuma	USD 1.4 MM	-	Vários	Até 2011	Investidos USD 467.3 M em 2008 e previstos USD 560 M em 2009.	Reuters
Gasoduto de Pande e Temane até à SA	USD 1.2 MM	-	Sasol	-	-	Reuters
Central Norte em Cahora Bassa	USD 1 MM	Falta de financiamento	-	-	Aumento em 50% da capacidade de produção	HCB
Barragem Mependa Uncua	USD 1.65 MM	Assegurar financiamento	-	-	Dobro da capacidade de produção de Cahora Bassa. Incerteza quanto à existência de financiamento. Poderá ou não avançar este ano.	CPI, HCB
Refinaria em Matutuíne	EUR 5.3 MM	Estudo de viabilidade	OilMoz e Shell	-	Capacidade de refinação de 350 mil b/d. A acontecer, o início de construção seria em 2010. Necessidades moçambicanas de 16 mil b/d.	EIU (Jan), http://www.power.inf.br/pt/?p=2697
Linha de transmissão eléctrica entre Cahora Bassa e Maputo	USD 2.5 MM	Assegurar financiamento	-	-	-	CPI
Estrada entre Montepuez e Lichinga	USD 105.93 M	-	-	até 2014	Assegurado financiamento de USD 44.2 através do ADB, Japão, Suécia e Dinamarca também financiam.	CPI
Central ciclo combinado a gás em Moamba	USD 1.3 MM	-	-	-	Apenas uma hipótese: Capacidade de produção de 650 MW	KPMG, EIU(Jan)
Central ciclo combinado a gás em Inhambane	-	-	-	-	Hipótese mais remota	KPMG
Silos cerealiíferos em Nacala	USD 100 M	Em construção	Bakhresa Grain Milling	-	Sítios com capacidade para 60 mil toneladas, financiamento de USD 15 M do Banco Mundial	CETA, http://www.bulkmaterialinternational.com/html/w20090109.560286.htm
Areas pesadas de Moma	-	Em funcionamento	-	-	S. Fischer	FMI

"Esta publicação destina-se exclusivamente a circulação privada. A informação nela contida foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. As recomendações destinam-se exclusivamente a uso interno, podendo ser alteradas sem aviso prévio. As opiniões expressas são da inteira responsabilidade dos seus autores, reflectindo apenas os seus pontos de vista e podendo não coincidir com a posição do BPI nos mercados referidos. O BPI, ou qualquer afiliada, na pessoa dos seus colaboradores, não se responsabiliza por qualquer perda, directa ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou seus conteúdos. O BPI e seus colaboradores poderão deter posições em qualquer activo mencionado nesta publicação. A reprodução de parte ou totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte."

BANCO BPI. S.A.

Rua Tenente Valadim, 284
Telef.: (351) 22 207 50 00

4100 - 476 PORTO
Telefax: (351) 22 207 58 88

Largo Jean Monnet, 1 - 9º
Telef.: (351) 21 724 17 00

1269-067 LISBOA
Telefax: (351) 21 353 56 94